

## **“Lutar é ‘coisa’ de menina?”**

**E. E. Marechal Floriano**

**Prof. Fernando Cesar Vaghetti**

Ao realizar uma avaliação diagnóstica dos alunos e alunas das terceiras séries do ciclo I do Ensino Fundamental no começo do ano letivo, identifiquei alguns conhecimentos e saberes que possuem em relação à manifestação corporal “luta” presente em nossa sociedade.

Como ponto de partida para a elaboração do projeto, fez-se necessário mapear o local em que a escola está situada, para assim iniciar o planejamento com base nos dados do local e poder inseri-lo nos trabalhos diários.

Para tanto, antes de discutir com as crianças sobre as lutas que ocorriam no seu cotidiano fui fazer uma pesquisa na internet sobre a história tanto da escola bem como a do bairro. Muitas informações apareceram, existem diversas histórias a respeito da região porém, escolhi uma para que pudesse entender como a escola e a região se constituíram.

A escola Marechal Floriano foi fundada em 1919. Serviu de abrigo para militares durante a Revolução Constitucionalista de 1932 e hoje é tombada como patrimônio estadual. Localizada próximo ao metrô Vila Mariana, zona centro-sul de São Paulo, região concedida em 1782 por sesmaria pelo governador de São Paulo à época (Francisco da Cunha Menezes) para Lázaro Rodrigues Piques que situou tais terras entre o ribeirão Ipiranga e a Estrada do Cursino. Inicialmente a região se chamava Cruz das Almas, em virtude das cruzeiras colocadas nos locais por mortes entre tropeiros e ladrões na luta por terras. Mais tarde, após diversas trocas, de Paraíso a Colônia terminou por denominar-se Vila Mariana, devido ao coronel da Guarda Nacional Carlos Eduardo de Paula Petit que misturou os nomes de sua mulher Maria com o de sua mãe Anna.

Neste tempo, o bairro era loteado por chácaras e sítios e no final do século XIX muitas linhas férreas foram construídas proporcionando uma ligação maior entre os bairros vizinhos.

O povoamento da região tornou-se maior e, conseqüentemente, a industrialização aumentou por conta do Matadouro Municipal, que hoje acolhe a Cinemateca Brasileira). Com isto, surgiram empresas como as oficinas de Ferro Carril e uma fábrica de fósforos.

Segundo dados da prefeitura de São Paulo do ano de 2004, a região da Vila Mariana, incluindo os distritos da Saúde e Moema, possui uma população de 304.858 cidadãos, dos quais 52.943 são crianças e adolescentes, 170.154 são mulheres e 21.579 identificaram-se como negros e pardos.

O bairro possui diversos espaços públicos e privados no que diz respeito à saúde, lazer, entretenimento e educação, como o Teatro João Caetano, Biblioteca Viriato Correa, Cinemateca Brasileira, Hospital do Servidor Público Estadual, Hospital São Paulo, Parque do Ibirapuera, clubes, academias de ginástica e lutas, Centro Cultural Vergueiro, bares e restaurantes, universidades privadas (Belas Artes, ESPM, FAPCOM, Paulistana, UniFai), colégios particulares, escolas estaduais e municipais, creches, etc.

Muitos moradores o rotulam como elitizado, e também não poderia ser diferente, devido à existência no bairro de edifícios com arquiteturas modernas, casas e mansões cercadas, carros luxuosos, vilas fechadas, shopping center, restaurantes de diversas gastronomias, bares por todos os lados, academias com infra-estrutura moderna, centros de beleza, assim por diante.

As crianças da escola, em sua maioria residem na região. Aquelas famílias que, mesmo residindo em bairros mais distantes, optaram pela instituição atribuem o fato ao acesso facilitado pela grande malha de transporte público (metrô, ônibus e vans).

Como morador do bairro e ex-aluno desta mesma escola em que atuo, encontro com muita frequência os/as alunos/as, pais e responsáveis nas vizinhanças da instituição. Percebo muitos dos alunos brincando e realizando outros tipos de práticas corporais na rua. É bem comum participarem dos eventos que o Sesc Vila Mariana fornece e que terminam por se transformarem em temas de comentários na escola.

Mapeada a região, percebe-se que no entorno da escola existem muitos espaços públicos e privados em que as manifestações corporais são contempladas pela população, e em muitos destes as lutas estão presentes. Outro aspecto importante para que possamos entender a razão da escolha das lutas como foco do projeto desenvolvido, foram os objetivos do plano de ensino. Um deles era o de ampliar e aprofundar o repertório de conhecimentos sobre as lutas presentes em nossa sociedade. Como vimos, a região possui algumas academias e outros lugares para a prática das lutas.

O ano de 2007 era meu segundo ano de trabalho na rede estadual de ensino como professor efetivo e, tive algumas dificuldades com a quantidade de alunos/as por sala, com o diálogo entre as crianças e com os planos de ensino das 1º as 4º séries no ano anterior. Minhas experiências até então, limitavam-se à atuação em uma única escola privada na qual lecionara por 7 anos, sendo que, nos dois anos finais, trabalhava como professor de Educação Física e coordenador de práticas pedagógicas de Ensino Fundamental e Médio.

Com base nessas experiências, o primeiro contato com a rede pública foi acompanhado de algumas resistências por parte das crianças, professores/as, direção e coordenação, diante dos métodos adotados nas aulas. Também tinha minhas resistências

quanto à situação nova, inclusive com relação aos colegas. Assim, a luta o conflito não era unilateral.

Porém, o primeiro ano na nova instituição se passou e, em função das diversas confusões em função dos meus planos ensino, realizei uma auto-avaliação do trabalho desenvolvido e percebi a necessidade de contemplar, também, outras manifestações da cultura corporal no currículo e não somente as costumeiras esportes, jogos e brincadeiras.

Dado que já dispunha de um certo conhecimento sobre as crianças, a escola e a comunidade, resolvi distribuir certas manifestações da cultura ao longo das séries escolares, e um detalhe influenciou fortemente na escolha das lutas para as terceiras séries.

No ano anterior, havia enfrentado certas dificuldades com algumas turmas de segunda série no quesito brigas. Fui questionado pela direção e por alguns pais de alunos/as da escola, sobre as constantes brigas das crianças durante as aulas de Educação Física. Tendo em vista que repensar a prática é algo importante para rever acertos e equívocos, senti que deveria prosseguir com o trabalho que focalizava as manifestações mapeadas no começo do ano letivo pois, em determinadas, turmas as aulas pareciam um simples passeio pelos temas, algo como um currículo turístico, em que os assuntos são vistos superficialmente, sem ampliá-los nem tampouco aprofundar os conhecimentos.

Porém, queria mudar meus objetivos , aquele cenário superficial não estava contemplando os objetivos traçados no começo daquele ano letivo. Era preciso “ir mais além”.

Contudo, decidi traçar um currículo na perspectiva cultural e isto não implicava tão somente em dialogar mais com os alunos e alunas mas, reconhecer a cultura destes/as no espaço escolar, incentivá-los/las a questionar sobre o mundo e sua realidade, proporcionar condições para que interfiram no cotidiano, construir identidades, mobilizar desejos, estudar, ampliar e aprofundar as manifestações corporais traçadas no mapeamento, dentre outras.

Neste sentido, e percebendo que na região existem diversas práticas corporais que são manifestadas diariamente entre as crianças que estudam na escola, resolvi contemplar o estudo da manifestação “luta” durante o ano letivo de 2007 para as terceiras séries do Ensino Fundamental.

Importante explicar este momento, pois a forma com que abordamos determinadas questões na escola e como elaboramos os planejamentos, permite-nos reconhecer como as pessoas pensam sobre suas experiências, como são formadas suas histórias na sociedade incluindo as compreensões conscientes e inconscientes, e as formas culturais disponíveis dos indivíduos, das quais tais compreensões são constringidas ou possibilitadas. Não são

naturalizados e descontextualizados, “as coisas não acontecem do nada”.

No entanto, poderia tão somente elaborar um plano estratificado, com aulas montadas dia-a-dia para ampliar os conhecimentos das crianças no que se refere às lutas. Contudo, o que estava em jogo não era somente o aprendizado das lutas, mas também, quebrar preconceitos contra aqueles percebidos como “diferentes”, de modo que se formem futuras gerações nos valores de respeito e apreciação da pluralidade cultural, que desafiem os discursos preconceituosos que constroem as diferenças.

Ao longo do ano letivo de 2007, algumas questões multiculturais foram surgindo e como comentado, entender e saber os significados que as crianças trazem a respeito das lutas, enquanto práticas corporais, foi de suma importância para a elaboração do plano de ensino.

Algumas crianças já traziam determinados conhecimentos vivenciais, já haviam praticado em uma escola ou academia, diziam que sabiam tudo. Outras, por sua vez, não gostavam nem de comentar, na voz dos calados, luta não entrava no seu dicionário.

Mapeando os saberes sobre o que conheciam, identificamos que as três turmas das terceiras séries possuíam distintos conhecimentos sobre as lutas. Como exemplo, em uma sala a capoeira foi citada e em outra não.

De início, solicitei aos alunos/as que realizassem uma pesquisa que se configurava pelas respostas à seguinte pergunta: O que são lutas? Entreguei a todos/as uma folha de sulfite para que estas respostas voltassem às minhas mãos a fim de avaliar seus conhecimentos sobre lutas e, também, com vistas à avaliação ao final do ano letivo.

Algumas crianças de antemão, já rebatendo e resistindo à atividade, disseram que não sabiam nada sobre as lutas e que não iriam fazer a pesquisa. Neste caso, lhes informei que, se por algum momento, não conseguissem lembrar de nada ou não quisessem fazer a pesquisa, poderiam entrevistar alguma pessoa da família ou amigo perguntando o que conheciam acerca daquela prática corporal. Desta forma, poderiam também contribuir com o projeto e assumir uma das funções como aluno/a, dentre tantas outras, que é, pesquisar.

Na aula posterior, perguntei sobre a pesquisa solicitada, quem havia feito ou quem tinha perguntado sobre as lutas para alguém. É importante ressaltar que mesmo aquele/a que diz que nada sabe ou que nada quer fazer, também está inserido na educação atual, e mesmo negando e resistindo a certas propostas, também pode demonstrar sua forma de expressão. Mesmo assim, indaguei os alunos que não fizeram e que nem ao menos perguntara a alguém. Enquanto uns disseram ter esquecido, outros/as não responderam nada.

Vale lembrar que, na escola, às vezes, valorizamos somente aqueles que possui

certas afinidades com determinadas atividades, aqueles que os pais ajudam, que possuem uma história de vida aliada com os ditames da cultura dominante, ou então, de maneira paternalista, alisamos aqueles advindos da população mais carente no quesito econômico, promovendo assim mais exclusões e segregações entre as pessoas.

Tentando socializar as respostas tanto na folha de sulfite, como nas vozes daqueles que não escreveram, fui à lousa e comecei a escrever e reconhecer os conhecimentos que as crianças possuíam sobre as lutas, solicitei-lhes que escrevessem as idéias dos colegas na mesma folha de sulfite que levaram para casa. Com isto, ao mesmo tempo em que escrevia suas respostas na lousa, também dialogava com as crianças em relação ao que tinham pesquisado:

*Luta é briga professor, é coisa de doido.*

*Porque coisa de doido? Quem luta é doido?*

*É Prô, tem que sair sangue, os cara ficam se batendo.*

Além destas, também disseram: “que é um esporte”, “que é bater, morder” “tem que dar chutes e socos”, “cabeçada”, “defesa”, entre outros.

Após manifestar e compartilhar os conhecimentos sobre as lutas na visão dos alunos, começamos a fazer relações com seu cotidiano, neste caso, procuramos mapear a ocorrência de algum tipo de luta na região em que moravam e se alguém já praticava algum tipo de luta.

Mapeando os saberes sobre o que conheciam, identificamos que as três turmas das terceiras séries possuíam distintos conhecimentos sobre as lutas. Como exemplo, em uma sala a capoeira foi citada e em outra não.

Após este mapeamento com referência à manifestação que seria abordada, realizamos uma votação para eleger qual luta iríamos iniciar o projeto. Os estudantes de uma das turmas mencionaram capoeira, judô, boxe, vale-tudo, “ramanan”, karatê e luta-livre. A partir daí, escrevi esses nomes em uma folha de papel pardo e pedi para que cada criança da sala votasse em uma luta para classificar a ordem que estudaríamos tais práticas.

Com base nos resultados dessa eleição, a primeira luta a ser abordada seria o judô. Para tanto, precisávamos planejar e estruturar as ações para o estudo desta prática.

Assim, recorrendo à participação dos alunos e alunas, estruturamos o que poderíamos aprender sobre o judô. De início, citaram que precisaríamos estudar os golpes, a história, como se ganha uma luta, quais os uniformes, por que algumas lutas possuem faixas, a pontuação e quem inventou.

Diante de tamanha curiosidade, vale abrir um parênteses e comentar esse fato. O acesso ao mundo globalizado esta cada vez mais fácil, cada hora sabemos mais e mais a

respeito do que acontece no mundo por intermédio das mídias impressas, faladas e escritas (televisão, internet, rádio, etc.), porém, como estas notícias são veiculadas e postadas para a sociedade também são motivos de questionamentos, para tanto, quando as crianças levantaram estes aspectos sobre a luta de judô, fui averiguar como se configurava esta manifestação.

Como até o momento, não tinha proposto nenhuma vivência corporal, permanecendo apenas no campo das idéias, propus uma ida à quadra para realizar algumas experiências. Perguntei-lhes como era a luta de judô, o que achavam que acontecia. Solicitei que formassem grupos e que cada grupo tentasse realizar uma luta de judô ao seu modo. Como deixei aleatória a escolha dos grupos, percebi que os meninos formaram seus grupos e as meninas formaram os delas (fato compreensível). Contudo, diante da proposta, as meninas que disseram não se sentirem confortáveis em realizar a vivência e não a fizeram.

Enquanto os grupos dos meninos praticavam, agarrando, chutando, socando, as meninas permaneciam sentadas. Vale lembrar, que além da vivência, havia solicitado que escrevessem como organizaram suas lutas, quais movimentos realizaram e o que acontecia durante a prática para que depois cada grupo pudesse explicar como é que chegaram à sua organização. Enquanto os meninos praticavam, as meninas permaneceram sentadas, algumas conversando sobre outros assuntos e outras tentando escrever sobre a luta de judô. Percebi que tinham uma certa dificuldade com o tema. Sentei-me ao lado delas no chão da quadra e começamos a conversar porque não estavam tentando realizar a prática. A aluna Jéssica assim se posicionou:

*Isso é coisa de menino, Prô!!!*

*Menina não briga!!!*

*Porque não brincamos de pega-pega?*

Expliquei-lhes que naquele ano iríamos estudar as lutas que conhecíamos e disse também que não eram só os meninos que faziam. Porém, como logo percebi, esta prática estava distante da vida daquele grupo, lutas, naquele momento era “coisa” de menino mesmo. Percebi que, ao longo do trabalho, muitas confusões sobre as lutas surgiram, as crianças, não de modo geral, entendiam que na maioria das vezes tinha que socar e chutar, tinha que “sair sangue” e analogicamente comparava as lutas com as brigas que aconteciam e que ocorriam na vida destes/as. Além do que, durante as aulas identifiquei também certos preconceitos e discriminações quanto as relações de gênero pois, para uma grande parcela dos alunos/as lutar era “coisa de menino”, “meninas não lutam, prô”.

Antes do início dos trabalhos não pensei em determinadas questões, como por

exemplo, a vivência destas práticas com as meninas. Não passava pela minha cabeça a possibilidade desta manifestação cultural trazer este tipo de problema. Sai daquela primeira situação de conflito pensando no que poderia trazer a prática do judô, para as práticas da sala, e como este assunto poderia influenciar também o cotidiano das meninas.

Na aula seguinte, organizei uma roda de conversa na quadra e pedi para que cada grupo explicasse o que fizeram da prática de judô. Alguns grupos tentaram explicar o que escreveram e o que não escreveram, mas experimentaram. Os grupos dos meninos explicaram as suas formas de lutar judô, porém o grupo das meninas nada disse. É evidente, não se sentiam conhecedoras daquela prática. Perguntei porque não fizeram nada e, novamente, emergiu o discurso de que as lutas eram coisas de meninos. Nisto, os meninos concordaram também:

*É Prô, menina num luta não!!! Deixa elas pra lá, e vamo luta!!!!*

No momento, não julguei pertinente discutir esta questão. Segui o que eles pediram e fomos tentar organizar a prática como forma de entender o que está prática representa, ou seja, realizar uma leitura da luta.

Pedi então, que duas crianças fossem ao centro e demonstrassem como era a luta de judô, dois meninos se prontificaram a realizar a prática. No centro do “combate”, empurraram-se, agarraram-se, chutaram-se, enquanto os demais permaneciam observando. Pedi para que parassem para podermos entender o que estava acontecendo e, nisto, o aluno Cristhian disse que aquilo não era judô. Pedi que explicasse melhor como era o judô. Ele foi ao centro acompanhado de um colega e realizou um determinado movimento, que consistia em segurar a pessoa pelos braços e passar uma rasteira para poder derrubá-la. O Cristhian contou à turma que já praticara judô há um tempo atrás, porém, não sabia muito mais do que aquele movimento que havia demonstrado. Neste instante, solicitei que as crianças realizassem o movimento a fim de sentirem como é realizado um golpe de judô. Entretanto, não sabíamos o nome daquela técnica, nem como deveria ser feita, simplesmente coloquei-os em ação e em confronto a partir dos conhecimentos que o Cristhian trouxe à turma.

Vale ressaltar que ao reconhecer o universo cultural dos alunos/as, um componente importante na prática pedagógica é libertado e deve ser contextualizado na escola. Trata-se das “vozes” dos alunos. A “voz” refere-se à gramática cultural e à bagagem de conhecimento que os indivíduos utilizam para interpretar e articular a experiência.

O conceito de “voz” é importante, pois alerta os professores para o fato que todo discurso é situado historicamente e mediado culturalmente, e parte do seu significado deriva da interação com os outros.

No entanto, entendemos que, somente reconhecer o que o aluno/a já sabe pode-se correr o risco de “cairmos” em um relativismo cultural, para tanto precisamos ressignificar, ampliar e aprofundar na escola, os conhecimentos e os saberes obtidos nas suas culturas experienciais.

Além do que, nas vozes ouvidas percebia-se a diferença entre meninos e meninas durante as aulas. Enquanto os homens exercem papéis de virilidade, masculinidade e força, as mulheres assumem posições secundárias a determinados assuntos, como as “lutas” por exemplo.

Os discursos são formados em condições patriarcais, em que as mulheres são consideradas como o “sexo frágil”, aptas a realizarem funções de dona de casa, ou no caso das aulas, preferiam práticas ditas como femininas, brincar de boneca ou de pega-pega. A diferença estava ali marcada. Apesar de assistirmos muitas mulheres que resistem a esta identidade, são consideradas masculinizadas.

Continuando o projeto, distribuí a turma em duplas pela quadra e entreguei-lhes uma ficha com diferentes golpes do judô, para que conhecessem mais a respeito sobre a luta e solicitei que realizassem uma leitura do texto e das imagens (as fichas, todas diferentes, continham o nome e desenho de duas pessoas realizando um golpe de judô). A atividade proposta consistia em analisar o golpe e descrever sua técnica, para tanto, precisariam “imitar”. Após explicarem e vivenciarem os golpes, as duplas realizaram uma apresentação para explicar como era o golpe e qual seu nome. Expliquei que na maioria das vezes o nome do golpe do judô se equivale ao gesto/movimento que está sendo feito. Nestas fichas os nomes dos golpes eram todos em japonês. Isso causou um certo “burburinho” entre as crianças pois, não conheciam muito a respeito da língua japonesa, além do que algumas palavras em japonês traziam conotações engraçadas sobre como era falado.

Importante ressaltar que, durante esta aula, as duplas preservaram a igualdade de sexo. Ocorre que, não tínhamos colchonetes para todas as duplas e, então, pedi que as crianças tentassem realizar a prática sem o equipamento e que tentassem vivenciar outros gestos típicos do judô, além daquele apresentado pelo colega. Além disso, que também pudessem conhecer os golpes construídos historicamente desta luta. Algumas meninas tentaram realizar a prática e disseram que era muito difícil. Algumas duplas de meninos também contaram que não era fácil. Em resposta a esta constatação dos/as alunos/as, comentei que as pessoas que lutam judô passam muito tempo de suas vidas praticando e treinando a luta e que, na escola, a intenção das aulas não era que saíssem dali como lutadores de judô, mas sim, aprendessem e ler certas práticas presentes na cultura.



Após esta atividade de ampliação de conhecimento, disponibilizei um vídeo que mostrava como era realizado o golpe pelos atletas, solicitei que assistissem e fizessem relações com a vivência que foi estudada nas aulas anteriores. Se estávamos fazendo da mesma forma que o atleta fazia, como era o nome do golpe realizado no vídeo. Solicitei que fizessem comparações entre as fichas e as imagens. A turma comentou que alguns golpes mostrados não estavam nas fichas.

Dando continuidade ao projeto, e como forma de compreensão e leitura da luta de judô, indaguei os sobre como era atribuída a vitória no judô. Para as crianças ganhar a luta era tão somente jogar para fora do “colchonete” ou derrubar “três vezes o adversário”, neste caso, precisaríamos aprofundar mais este conhecimento. Expliquei aos alunos/as que não iríamos realizar a prática baseada no que os ou as atletas do judô faziam, mas tínhamos que entender como é que o judô foi construído historicamente e que existiam algumas regras para a prática. Com isto fomos a quadra para tentar realizar esta prática como ressignificação dentro do contexto escolar. De momento, sabíamos que para ganhar a luta teria que tirar do colchonete ou derrubar três vezes o adversário. Sendo assim, as crianças realizaram a prática com este conhecimento estabelecido anteriormente.

Durante a prática percebi que as crianças, mesmo com estas regras estabelecidas ainda tinham dificuldades em praticar a luta. Alguns davam socos e chutes. Neste momento, conversei com as crianças do porque de chutar e socar, se nas fichas que tínhamos feito a leitura dos golpes não havia nada que parecesse com o que estávamos praticando.

Voltamos à vivência e tentamos realizá-la com este tipo de leitura sobre a manifestação. Não podia dar socos e nem pontapés e para ganhar teria que jogar para fora do colchonete ou derrubar três vezes o adversário/a.

Com base nesta prática percebi que as crianças realizaram uma leitura daquilo que haviam proposto. Mesmo assim, era preciso, naquela ocasião demonstrar uma luta de judô feita pelos/as atletas para que pudessem conhecer melhor sobre a luta e também identificarem como é que ganhava-se a luta, qual era o espaço para a prática, se existiam “juízes”, se existiam pontos pois, no mapeamento feito no começo do ano letivo identificamos que a luta de judô possuía pontos.

Sendo assim, levei-os/as até a sala de informática para assistirem vídeos de lutas de judô. É importante comentar o seguinte aspecto neste momento. Ao propor esta visita a sala de informática para realizar uma leitura da prática de atletas e aprofundar sobre os conhecimentos do judô também queria, naquele momento que fizessem relações com as questões de gênero encontrada no início do projeto. Para tanto, nos vídeos propostos,

existiam lutas de homens e mulheres.

Até aquele momento a turma ainda resistia em entender que as mulheres também faziam parte desta manifestação, para eles/elas o judô era uma prática masculina e quando “passei” o vídeo em que duas mulheres disputavam um título olímpico, as crianças debruçaram-se sobre um conhecimento que até então não haviam “enxergado” ou percebido, o de que as mulheres também são praticantes de lutas.

Algumas crianças, tanto meninos quanto meninas, ficaram espantadas em assistir uma prática feminina, retificaram-se, assim, algumas idéias sobre as questões de gênero e poder surgidas no início do projeto. Perceberam que a luta de judô não era um “bicho de sete cabeças”, que na realidade homens e mulheres praticam esta luta, não é privilégio só de uma parcela da sociedade em desfrutar desta manifestação cultural. A proposta era aproximar as crianças de um conhecimento que até então não disponibilizavam.

E, mesmo assim, foi preciso entender porque, as mulheres disputavam entre elas e os homens entre eles. A discussão neste assunto vai além. O que fica claro nos jogos olímpicos são as diferenças culturais que precedem as situações históricas. O discurso masculino permanece. E mesmo as mulheres participando dos jogos olímpicos, estas não podem competir com os homens, pois o que está marcado são as diferenças biológicas que foram construídas ao longo do tempo. A mulher para o discurso biológico continua sendo o “sexo frágil”, e suas “habilidades” não são comparáveis as dos homens.

E preciso compreender que diversas práticas construídas historicamente nos mostram esta diferença marcante entre homens e mulheres, em igualdade de condições (de treinamento, por exemplo) não saberíamos quem iria se sair bem durante esta prática.

Importante comentar que, conforme percebi, não basta mostrar tão somente os vídeos ou outras mídias para as crianças, é necessário discutir sobre as questões que estão sendo fomentadas durante o projeto. No caso, trazer um vídeo que mostrasse a luta entre mulheres, fez-se necessário para o entendimento e aprofundamento das questões de gênero, pois, a turma possuía uma certa idéia respeito, a de que as mulheres não poderiam praticar qualquer tipo de lutas e mesmo praticando, não estão aptas a lutarem com os homens. Isto também ficou claro quando discutimos as outras lutas mapeadas no começo do ano letivo.

Mesmo desmistificando algumas das questões de gênero encontradas, ainda precisaríamos ampliar e aprofundar alguns conhecimentos da luta de judô. O envolvimento das crianças com a luta estava crescendo e assim percebi ser necessário estudar como esta prática configurou-se ao longo do tempo.

Durante esta aula em que assistimos os vídeos, também questionava como é que as pessoas estavam lutando, se havia alguma semelhança com o que estávamos fazendo e o

porque de determinadas regras que estavam ocorrendo. As crianças, neste instante, começaram a perceber também que existiam regras na luta de judô que não condiziam com a luta que estavam realizando.

Como exemplo, na prática dos atletas, diversas vezes estes saem do “tatame”, ou são derrubados varias vezes e mesmo assim não ocorre o final da luta. Outra relação importante que as crianças observaram foi o de que, ao assistir a luta, viam que no canto de cima da tela do computador tinham alguns números e algumas legendas e perguntaram pra mim o que aquilo queria dizer, no momento só disse que aquilo fazia parte da pontuação. Não queria colocar muitas informações naquele instante. O importante neste dia foi que as crianças saíram dali com algumas dúvidas e que teriam que ser descobertas em outra aula, outra ocasião.

Para tanto, diante de tantos questionamentos, trouxe aos alunos/as uma apresentação elaborada em *power point* sobre a história, a pontuação, as faixas, onde era realizada e alguns significados da luta. Estes dados foram retirados de pesquisas que fiz na internet, tanto na confederação brasileira de judô, como em outros sites referentes a prática.

Nesta apresentação, alguns questionamentos referentes aos vídeos vistos na aula anterior começaram a serem respondidos. Conteí a eles/as sobre a história do judô, como foi criada e de onde surgiu. Neste momento comentei com as crianças que estas histórias são contadas de diferentes maneiras também, não há uma verdade propriamente dita quando se fala de histórias. Mesmo assim, achava pertinente trazer alguns conhecimentos sobre o judô , até para que as crianças acreditem que as coisas ou as práticas que acontecem na vida e no cotidiano não são formas naturais, há sempre um contexto.

Ressalto que os/as aluno/as trabalhavam com uma ficha de registro em que escreviam, desenhavam e opinavam sobre algumas aulas. Este material permanecia comigo para evitar perdas e extravios. Foi importante trazê-las em todas as aulas para que pudessem perceber a continuidade dos trabalhos.

Em conversas informais com os alunos/as de outras séries, fiquei sabendo que a Fabiana, aluna da 3ª série, já havia praticado judô. Pedi-lhe que trouxesse o quimono e as faixas e, também, que explicasse algumas características da luta para os alunos/as da terceira série. Este momento foi importante, pois ao tratar-se de uma menina que conhecia a modalidade e estava ali diante da turma, as crianças puderam ratificar que as meninas também praticam, e que existem lugares na sociedade, no caso, uma academia, que também abriam espaços para elas.

Ao final do projeto, fomos novamente à quadra e realizamos uma luta de judô. Neste dia, todos os conhecimentos discutidos durante as aulas estiveram em questão. A

maioria da sala participou e praticou, confrontando duplas homogêneas e mistas, para que fosse possível perceber como cada um/a lutava, quem, em sua maioria, vencia e qual seria a razão disto. E as regras estabelecidas pela sala foram travadas. Não estávamos ali para reproduzir a luta de judô produzida pelos discursos dominantes mas, construir as outras formas de praticar o judô em que as relações de poder se tornassem desestabilizadas e de forma igualitária.

Questionei essa experiência junto à turma. Por mais que tenham quase a mesma idade e o mesmo tamanho, os meninos ganhavam as lutas e foi necessário discutir porque isto ocorria. Para eles/as, os meninos possuem uma força e uma intimidade maior com as lutas. Isto nos leva a pensar que não podemos deixar “passar” algumas questões subjetivas que transparecem no entorno escolar. Era importante que a turma soubesse porque certas práticas favorecem determinados grupos.

Também realizamos uma avaliação somativa no final deste tema, para identificar o que aprenderam e o que não aprenderam sobre a luta, e como forma de saber quais caminhos poderiam ser traçado dali por diante.

É fato entender que vivemos em uma sociedade sexista e sabe-se que as mulheres foram e são muitas vezes subjugadas e excluídas de determinadas situações sociais e culturais. Apesar do projeto prosseguir abordando outras lutas mencionadas por ocasião do mapeamento, julgamos que as turmas da terceira série não conseguiram livrar-se por completo dos preconceitos iniciais. Vale ressaltar que se trata de uma tarefa coletiva e não somente das aulas de Educação Física. Contudo, após muitas discussões, práticas, estudos, momentos em que as aulas não fluíam e outros, onde tudo corria com tranquilidade, percebi, ao final do ano letivo, que tanto meninos como meninas puderam apropriar-se, ampliar e aprofundar seus conhecimentos sobre as lutas nas aulas, e conseqüentemente quebrar certos preconceitos no que diz respeito as “diferenças” marcadas no início dos trabalhos, mediante uma efetiva e crescente participação de todos.